

A GESTÃO DO TEMPO NO TRABALHO DOCENTE: UMA ANÁLISE DE GÊNERO NO CONTEXTO DA PANDEMIA

Marinalia Lemos Gonçalves Vidal

Escola Superior de Educação de Santarém¹
marinaliaprofessoral@gmail.com

Resumo

Esse artigo busca demonstrar a realidade vivenciada pelos professores do Brasil e Portugal em particular as professoras mulheres, mediante a proposição do ensino remoto, por meio de aulas online, durante o período da pandemia COVID-19. As profissionais da educação ao se adequarem as novas organizações no ensino a distância, proposto pelas redes de ensino e regulamentos escolares se depararam com um dilema: A gestão do tempo no seu cotidiano. Foram muitos desafios enfrentados no período da pandemia e os desabafos são ressaltados nas respostas das professoras em um inquérito online, realizado no google forms, proposto para 50 professoras com adesão de 15 professoras do primeiro ciclo ao secundário. Além do inquérito online, o artigo utilizou como estratégia de estudo as pesquisas de professoras universitárias (Shouten, 2011; Perista, 2017; Carmim, 2020; Gonzalez, 2020; Minello, 2020) que permite nortear a argumentação do texto e demonstrar o impacto da pandemia no trabalho de professoras. Objetivou-se compreender como se deu a interação entre educação, trabalho docente e aulas online para professoras do Brasil e Portugal. Nossas percepções apontam que dentre as profissões que sofreram com o período da pandemia foi a classe docente, que ao realizar o trabalho em formato online foi necessária uma reestruturação na vida das professoras. Novas formas de organizar o trabalho docente, a escola, a família e vida pessoal passaram a ser centrais para essas trabalhadoras.

Palavras-chave: Trabalho docente; Ensino online; Estudos das mulheres.

¹ Estudante da 2.^a edição do Mestrado em Recursos Digitais em Educação.



Abstract

This article seeks to demonstrate the reality experienced by teachers in Brazil and Portugal, in particular women teachers, through the proposition of remote teaching, through online classes, during the period of the COVID-19 pandemic. Education professionals, when adapting to the new organizations in distance education, proposed by the teaching networks and school regulations, were faced with a dilemma: the management of time in their daily lives. There were many challenges faced during the pandemic period and the challenges are highlighted in the responses of teachers in an online survey, conducted on google forms, proposed for 50 teachers with the adherence of 15 teachers from primary to secondary school. Besides the online survey, the article used as a study strategy the research of university professors (Shouten, 2011; Perista, 2017; Carmim, 2020; Gonzalez, 2020; Minello, 2020) that allowed guiding the argumentation of the text and demonstrating the impact of the pandemic in the work of teachers. The objective was to understand how the interaction between education, teaching work and online classes took place for female teachers in Brazil and Portugal. Our perceptions point out that among the professions that suffered with the pandemic period was the teaching class, which when carrying out the work in online format was necessary a restructuring in the lives of female teachers. New ways of organizing teaching work, school, family and personal life became central for these women workers.

Keywords: Teaching work; Online teaching, women's studies.

Introdução

A pandemia e a proposição das aulas online trouxeram muitos desafios para as profissionais da educação e, dentre eles, destacou a organização do tempo nas aulas online, na vida familiar e pessoal. As dificuldades enfrentadas pelas professoras no período da pandemia COVID-19, vem se somando há muitas outras que outrora foram denunciadas em períodos histórico dentro das sociedades. Resistir às adversidades que tem estruturado as relações societárias e que são manifestadas em regras atuais na presente sociedade tem se revelado ser um dos maiores desafios para as mulheres trabalhadoras. Estudos e pesquisas indicam que elas desempenham mais funções no dia a dia, e são serviços somados aos trabalhos cotidianos remunerados. Não



obstante, são serviços pouco remunerados, menos prestigiados e nada reconhecidos socialmente.

Compreender a visibilidade da mulher dentro da história construída pelos movimentos de luta e contra a opressão da mulher, nos provocam a entender quais são as condições de vida e de trabalho que as mulheres enfrentam na nossa sociedade. Os avanços nos estudos sobre a vida da mulher construíram conceitos e documentos que ajudam a compreender as trajetórias das mulheres em diferentes setores da sociedade. Muitas resistiram e lutaram para permanecerem e serem reconhecidas no espaço de trabalho. Um desses espaços tem sido a educação. Várias estudiosas (Cerisara, 2002; Louro, 2009; Rosemberg, 1990) discutem que o processo de feminização do magistério e as condições de trabalho a partir dessa feminização, provocaram uma desvalorização pela sociedade no campo de trabalho, acarretando prejuízos salariais e sujeitando há uma extensa jornada de trabalho. Em muitos casos, como no Brasil, elas dobram cargos e horários para obter salários maiores e enfrentam mais dificuldades para ocupar cargos de gestão. Mediante o cenário da pandemia e com o isolamento, a profissão docente é apontada mais uma vez como um dos espaços que sofreram as consequências acerca da qualidade do tempo e das condições de trabalho das mulheres na educação é o que expressa nesse artigo organizado com três seções que dialoga sobre o tempo e a condição de vida das mulheres na sociedade. A primeira seção trata dos movimentos de lutas para a conquista dos direitos das mulheres ao longo dos tempos, a segunda seção reflete sobre como o tempo é gendricado em nossa sociedade. E por fim a terceira descreve as angústias das professoras relatado em um inquérito online com questões que privilegiaram perceber como foi organizada a jornada de trabalho durante o ensino remoto e a implementação dos recursos tecnológico na prática pedagógica.

O Tempo Histórico das Mulheres na Sociedade

Ao longo dos tempos, as lutas sociais para mudarem a realidade da mulher, evidenciam a necessidade de problematizar alguns temas de ordem social. Em cada contexto histórico e de acordo com as necessidades foram problematizadas questões emergenciais para o momento vivido. Em 1792, a inglesa Mary Wollstonecraft, questiona o sistema social de sua época, o qual limitava os direitos das mulheres à educação. Por volta de 1920, ocorriam os primeiros movimentos liderados por mulheres, especialmente nos Estados Unidos e no Reino Unido, buscando a



igualdade de direitos políticos, civis e jurídicos. O Brasil em 1932 aprova o direito ao voto para as mulheres. A americana Margareth Mead (1930) e a francesa Simone de Beauvoir (1949) começaram a problematizar as diferenças entre mulheres e homens que, construídas no âmbito social e cultural, incutiam em cada um características e comportamentos relativos ao corpo e aos hábitos, respondendo às expectativas que a sociedade esperava para cada sexo.

As estudiosas e as pesquisas buscaram revelar ao longo dos tempos em diversos contextos históricos, o que ainda hoje presenciamos, as mulheres sofrem discriminações, desigualdades e distinções no seu dia a dia em diversos espaços e especialmente em espaços de trabalhos que acarretam diferenças salariais, distinção em cargos e desigualdades em tratamentos. E isso independentemente da condição que ocupa na sociedade (trabalho, família, religião, classe social e raça). Porém essas distinções vêm as constituindo e determinando as condições do cotidiano.

Muito embora, as pautas de reivindicação das mulheres mudaram e se diversificaram, marcando a necessidade de problematizar outros assuntos, mas as reflexões sobre o trabalho doméstico sempre é necessário discutir. A autora Castilho (2009) nos elucida apontando que “o olhar feminista tem como uma das temáticas recorrentes a invisibilidade do trabalho da mulher, que está profundamente ligada à desqualificação do trabalho doméstico e à inferioridade feminina”. De acordo com a autora, esse é um dos temas mais antigos trazidos pelo feminismo para as ciências sociais e tem pautado a tentativa de reinterpretar os conceitos de trabalho doméstico e trabalho produtivo/improdutivo.

Isso implica considerar o cenário da pandemia e perceber como o cotidiano das mulheres foi afetado, quando se refere a organização no dia a dia. A força dos estereótipos demonstra que desde o tempo antigo até os tempos atuais, a sociedade vem se organizando com normas e comportamentos que se mantêm nos cotidianos de homens e mulheres. Com o cenário da pandemia isso se revelou fortemente prejudicando mais uma vez as mulheres.

O Tempo das Professoras no Ensino *Online*

O tempo tem sido mensurado de várias formas e com diferentes instrumentos podendo ser marcado e organizado de diversas maneiras. Na presente sociedade que vivemos percebemos uma grande necessidade de organiza-lo para fazer uso do máximo de tempo possível. Marcar esse tempo tem sido um dos desafios



contemporâneo, talvez por muitas tarefas que realizamos no cotidiano. Porém observamos que o tempo também é marcado de forma diferente para as pessoas mediante as tarefas e profissões, ou seja, o tempo é gendrificado. Isso é evidenciado em estudos atuais que tem se dedicado a mostrar como o tempo em muitas ocupações e trabalhos podem favorecer ou desfavorecer os profissionais e as profissões.

Num estudo desenvolvido pela equipa Perista e colaboradores (2010) discorreram sobre o assunto indicando que “o tempo é um tópico-chave para a compreensão da diversidade e da mudança nas relações de gênero. Uma perspectiva de gênero em que é, por seu lado, essencial para tornar evidente que a dimensão ‘tempo’ é simultaneamente constituída por e constitutiva das relações sociais imbuídas em trabalho pago, trabalho de cuidar e gênero. Ou seja, o tempo é gendrificado, pois mulheres e homens conferem diferentes valores e sentidos ao tempo. Para elas, quaisquer decisões tomadas sobre a afectação do tempo envolvem a atribuição de significado ou de valor a uma determinada actividade, num processo que é claramente condicionado pelo gênero, por responsabilidades, recursos, posições e estatutos de homens e de mulheres.

No espaço da educação foi relevante problematizar o tempo no que diz respeito a proposição das aulas a distância, organização, planeamento e realização em ambientes online. Segundo alunos no secundário, as aulas online das professoras eram mais agitadas e muitas vezes contaram com a presença de filhos que estavam aos cuidados das mães-professoras. Já os professores homens sejam pais ou não as aulas online eram mais tranquilas e sem interrupções. De acordo com a escritora Minello (2020) essas cenas tem sido comum nos cotidianos das mulheres professoras acadêmicas.

“Quando gravo aulas para meus alunos assistirem on-line, é essencial minimizar o ruído de fundo. Mas meu filho tem dois anos. Na primeira lição que tentei gravar, foi possível ouvir claramente o trompete de brinquedo dele durante os dois últimos slides da apresentação. Restou apenas noite e madrugada, quando ele está dormindo, sendo minhas únicas opções de gravação”. (Minello, 2020, p.3).

Continua afirmando que “O trabalho acadêmico, no qual o avanço na carreira se baseia no número e na qualidade das publicações científicas de uma pessoa e em sua capacidade de obter financiamento para projetos de pesquisa, é basicamente incompatível com o atendimento a crianças”



Muito embora já reconhecíamos que as desigualdades entre homens e mulheres nos cotidianos de trabalho e de tarefas com as famílias eram visíveis, com a pandemia e o ensino online proposto como medida temporária e urgente, isso ficou bastante evidenciado.

Gonzales (2020) buscou demonstrar a realidade vivida pelas acadêmicas, apontando que “Seis semanas após a ampla quarentena de auto-quarentena, os editores de revistas acadêmicas começaram a perceber uma tendência: as mulheres, que inevitavelmente assumem uma parcela maior das responsabilidades familiares, parecem estar enviando menos artigos”. A autora resume mostrando que todo esse contexto vivido, traz mais uma ameaça as carreiras das mulheres na academia.

Esses escritos nos possibilitam refletirmos sobre como os trabalhos não pagos sempre foram e continuam sendo assumidos pelas mulheres. Perista (2017) fazendo referência (Hardill et al., 1997), pontuou que “Tal como tem sido demonstrado empiricamente (nomeadamente em Portugal), o emprego feminino não tem garantido um contexto suficiente para a renegociação da divisão do trabalho nas famílias”. Ainda de acordo com os autores, as normas temporais de gênero continuam a assumir um importante papel na manutenção de uma divisão desigual do trabalho não pago.

Shouten (2011) contribui afirmando que é no ambiente doméstico que menos se progrediu em relação no sentido de igualdade sobre os gêneros, sendo ali que em geral as mulheres tem muito mais responsabilidades e trabalhos do que os homens. Para a autora, o fato de trabalhar dobrado e ter uma carga maior com essas ocupações domésticas, implica consideravelmente na sobra de pouco ou nada de tempo para o crescimento profissional, sendo que as progressões de carreira das mulheres permanecem sempre mais lenta.

Em 2011, Shouten ao escrever o artigo *Ubigual, Tempo e Tecnologia: Dois projetos sobre questões de gênero*, já chamava a atenção para o fato de que os acadêmicos homens conseguiam escapar após o jantar e nos fins de semana para se dedicar ao trabalho dos registros e se desenvolver na carreira. Enquanto que a gestão do espaço doméstico era confiada a sua esposa, sendo estudiosa ou não, essas “secundarizavam suas próprias ambições”.

O debate sobre a construção social da articulação trabalho-família, nos elucidam que, ao considerar os usos do tempo para homens e mulheres, é essencial buscar compreender os processos e as práticas entre um e outro. Nesse sentido esses registros nos elucidam para o fato de que os indivíduos e as famílias desenvolvem

estratégias específicas para a gestão do trabalho pago e não pagos, determinando que os cuidados das famílias e dos lares são majoritariamente realizado pelas mulheres sejam trabalhadoras ou não. Mediante isso com o cenário da pandemia ficou evidente e claro que a gestão do tempo concebido para homens e mulheres tem se mantido desigual e com prejuízo para as mulheres.

O Tempo Ceifado com a Rotina na Pandemia

Pesquisar materiais online para criar e adaptar estratégias de ensino de modo a contemplar as aprendizagens dos diferentes alunos foi uma prática que enriqueceu as experiências das professoras. Essas proposições favoreceram as profissionais da educação que propiciaram outras formas de construir saberes e conhecimentos, inovando a escola e o tradicional sistema de ensino. Isso foi bastante significativo para as profissionais e para os alunos que aprenderam e fizeram uso com frequência da tecnologia, internet, ferramentas digitais e programas inovadores. A necessidade de implementar a tecnologia no processo de ensino-aprendizagem nas escolas como melhoria da qualidade do ensino foi ressaltado por autores que demonstraram nos estudos a relação entre ensino, práticas pedagógicas e tecnologia, as aprendizagens realizadas com a tecnologia e como o acesso as redes sociais favoreciam a inclusão dos alunos no sistema de ensino (Feitosa, Yoshikuni & Albertin, 2014; Batista & Freitas, 2018; Venancio, 2018; Ferreira, 2020; Miranda, 2020). Sobretudo consolidando o campo de estudo com a proposição do ensino remoto proposto por aulas online por meio da tecnologia. Isso ressignificou e transformou a escola tradicional, problematizando a relação do ensino através de outras ferramentas, como os Recursos Digitais na Educação. Para Batista e Freitas (2018, p.03) “Assim como a tecnologia deve estar a serviço da sociedade no intuito de atender as necessidades humanas e reduzir as diferenças sociais, seu uso na educação deve ter o mesmo fim, em especial proporcionar condições aos mais necessitados de romper os limites impostos pela pobreza”.

Porém a passagem da mudança do ensino presencial para o ensino online não se deu de forma tranquila para as professoras e especificamente para mulheres com famílias que estavam privadas da socialização no período da pandemia. As docentes demonstraram a importância das mudanças no sistema de educação mediante a crise sanitária e a necessidade da escola se adequar às ferramentas digitais, bem como o



uso da internet no sistema de educação em uma era digital. Mediante isso o pensamento de Soffner (2014) corrobora enfatizando que:

“A educação tem um papel essencial na modificação da sociedade, assim como, a tecnologia como meio de obtê-la. Juntas compreendem uma dimensão fundamental de mudança social, já que a evolução e a transformação das sociedades são construídas por meio da interação complexa de fatores culturais, econômicos, políticos e tecnológicos”. (Soffner, 2014, p.58)

Portanto, a educação e a tecnologia têm um papel vital para a sociedade no atual contexto vivido, mas não são neutras e tem sido permeadas de conflitos que faz necessária reflexão sobre ambas para mudanças na sociedade, evidenciando que para além de uma educação tecnológica, há outras questões que a sociedade precisa avançar e ultrapassar. São concepções arraigadas em condutas e comportamentos de uma sociedade que tem como base a família patriarcal e isso tem afetado consideravelmente a vida e as condições das mulheres dentro da sociedade.

Esse paradoxo, mudança em tempos contemporâneos e manutenção das regras tradicionais trouxe para as mulheres os desafios citados que são traduzidos nos relatos das professoras ao destacar que a organização do ensino online esbarrou na difícil tarefa de gerir o seu dia a dia. A passagem do ensino presencial para o ambiente online e a rotina de trabalho em espaços domésticos junto com o auxílio da rotina dos filhos em interações online com as respectivas escolas, foi transcrita pelas educadoras como a gestão do tempo. A palavra tempo foi o conceito mais usado pelas profissionais para ressaltar como o ensino online e o trabalho docente foi organizado. Para as professoras em contextos de ensino no Brasil e professoras em escolas de Portugal a organização entre reuniões, encontros de professores e aulas propostas, o tempo foi fator primordial no que concerne a organizar, planejar, pesquisar, gravar e ensinar no período pandêmico. O inquérito online foi realizado com um grupo de professoras e buscou problematizar perguntas sobre as mudanças na vida das professoras com as aulas online, o que favoreceu, desfavoreceu e como foi organizado o ensino no período da pandemia COVID-19. As respostas apontaram que as mudanças podem ser benéficas para uma nova reestruturação do sistema de ensino, mas deixam muitas falhas no que se refere ao material humano.

“Tenho estudado mais e isso não é ruim” (Professora Brasil)

“Estar em casa te faz trabalhar praticamente 24 hs por dia. Depois de uma organização dos horários e da rotina, foi possível estar mais tempo com a família”. (Professora Brasil)

“Mudou drasticamente... Preciso ficar mais tempo planejando, buscando alternativas e soluções em que as atividades elaboradas possam ser potentes aos alunos, ou seja, de forma que os atinja e que aprendam. Também tenho que dispor de tempo maior de estudo profissional, inclusive fazendo resumos reflexivos para apresentar para a coordenação. Tenho um quadro de planejamento semanal de home office e continuo com reuniões de HTPC (hora de trabalho pedagógico coletivo) no Meet. Estudo os materiais enviados pela Secretaria municipal de Educação, o Emai/Ler e Escrever, para elaborar atividades de acordo com as orientações que são passadas. Assisto Lives, videos referentes a educação. Muitas vezes, ultrapassam de horário e também, faço aos finais de semana” (Professora Brasil).

Em Portugal as situações vivenciadas pelas professoras se mostraram semelhantes acerca da organização das aulas online. A palavra tempo chama a atenção pela repetição para expor a organização da rotina de trabalho durante o período da pandemia.

“O meu marido passou a fazer mais horas de serviço e também não podia ter contacto conosco, pois trabalhava em ambiente de risco. Eu com o tele-trabalho para a escola, filhos e como encarregada de educação, quase não havia tempo para respirar”. (Professora Portugal)

O que se percebe é que, para muitas professoras o tempo trouxe desafios no gerenciamento do cotidiano com o trabalho online, mas também a possibilidade de aprender diante de um cenário inovador. É o que indica o comentário das docentes acerca de materiais e ferramentas pouco exploradas.

“Não diria que desfavoreceu o ensino, mas fez que com que todos professores buscasse outras maneiras de conseguir atingir os alunos. Ferramentas antes não usadas e nem conhecimentos tidos. Eu tive que aprimorar o uso da tecnologia e isso me deixou feliz, pois vi que mesmo com tantos anos de profissão fui capaz de me atualizar na área tecnológica” (Professora Brasil)

“Tudo mudou na minha vida. Tive dias de estar até tarde e as 21h interrompia para fazer jantar e dar aos meus filhos e depois continuava a trabalhar para a escola até 1h, 2 h da manhã. Tinha dias de jantar as 23h e trabalhar até de madrugada para a escola. Vida pessoal reduzida ao mínimo e a custo” (Professora Portugal).



“No começo a carga de trabalho tomava praticamente o dia todo me deixando sem tempo para vida pessoal. Depois, fui adaptando os horários a fim de conseguir realizar minhas atividades pessoais. Hoje me organizei e estou um pouco mais tranquila”.
(Professora Brasil).

As transformações na sociedade apontam para a formação das profissionais da educação provocando-as a ressignificar os espaços da educação ao construir ambientes de aprendizagem inovadores e inclusores em um contexto digital. É importante considerar que para atingir a inclusão de todos na sociedade esses espaços e ambientes devem promover a escuta dos diversos diálogos (gênero, raça, classe, religião). Os espaços ou ambientes escolares são os mobilizadores de mudanças, pois ainda se mostram como um dos mais potentes para a consolidação do diálogo acerca das diferenças tendo um alcance grande para transformar comportamentos e na proposição de trabalhar a diversidade.

Conclusão

Os estudos e pesquisas vem constatando uma realidade há muito vivida pelas mulheres: O tempo é gendricado porque tem sido concebido de forma diferente para homens e mulheres. Seja pelo fato de termos que comprovar mais tempo de experiência em muitas profissões, levarmos mais tempo dentro das carreiras para evoluirmos, passarmos mais tempo envolvidas com os trabalhos domésticos e cuidados da família e menos tempo se dedicando ao crescimento pessoal. Ou seja, de uma forma ou de outra as mulheres têm sido prejudicadas quando o tempo é contabilizado pela sociedade.

Com a pandemia e privação social percebemos que o tempo foi um dos requisitos mais citado por mulheres que buscaram ressignificar a organização do trabalho e cuidados com os familiares. Essa reestruturação para muitas mulheres não contemplaram a vida nos diversos setores e por isso foram muito afetadas, observando um agravamento das condições vivida. Segundo relatórios internacionais as mulheres foram as mais afetadas pelo COVID-19 em função de estar na linha de frente nos cuidados da família, da saúde, e da educação dos filhos. O período da pandemia mostrou que a sobrecarga na vida cotidiana com os familiares na quarentena foi desigual e injusta. Sejam mulheres ou meninas, elas passaram a dividir os estudos e trabalhos com os afazeres domésticos e cuidados das pessoas. Muitas perderam o emprego, outras passaram a trabalhar triplicado, e há outras que sofreram



com a violência doméstica, sem espaços de denúncia e desse modo colocando em risco a vida.

Referências Bibliográficas

- Albertin, A., Feitosa, D., Yoshikuni, A., Lucas, E. (2014) *Um estudo sobre o uso de tecnologia de informação no processo de ensino e aprendizagem*. Revista Portuguesa e Brasileira de Gestão. Volume 13, numero 4. Brasil.
- Batista, S. A.; Freitas, C. C. G. (2018) *O uso da tecnologia na educação: um debate a partir da alternativa da tecnologia social*. Revista Tecnológica Sociedade. v. 14, n. 30, Pp. 121- 135.
- Beauvoir, S. (1980). *O segundo sexo VI VII*. Traduzido por Sergio Millet. França.
- Carmim, M., Ribeiro, K. (2020). *Porque as mulheres academicas estão produzindo menos durante a quarentena*. Lisboa: SBC Horizontes. ISSN: 2175-9235.
- Cerisara, A. B. (2002). *O Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil no Contexto das Reformas*. Educação & Sociedade: Revista de Ciência da Educação. Campinas - Vol. 23, n.80. Brasil.
- Horn, B.G., Kestring, B., Rocha, L.C.P., Santarosa, S. D. (2020). *Aulas não presenciais em tempos de Pandemia*. KESTRING, Bernardo (org.) [et.al] *Aulas não presenciais em tempos de Pandemia: Improviso, exclusão e precarização do ensino no Paraná*. Platô Editorial – 207p. Curitiba.
- Louro, G. L. (2009) *Mulheres na sala de aula*. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História das mulheres no Brasil*. 9. ed. São Paulo: Contexto. p.443-481.
- Minello, A. (2010). *The pandemic and the female academic*. Disponível em <https://www.nature.com/articles/d41586-020-01135-9>.
- Perista, H. (2010). *O uso do tempo de homens e mulheres em Portugal*. Lisboa
- Piscitelli, A. (2009). *Genero: A história de um conceito. Diferenças e Igualdades*. São Paulo.
- Rosemberg, F. (1990). *Políticas educacionais e gênero: um balanço dos anos 1990*. Cadernos Pagu, Campinas, n. 16, Pp. 151-197.
- Schouten, M. J. (2011). *Ubíquo e Tempo e Tecnologia: dois projetos sobre questões de gênero*. Atas do seminário Igualdade de Género. Pp. 43-47. Covilhã. Universidade da Beira do Interior.
- Soffner, R. K. (2014) *Tecnologias sociais e práxis educativa*. Revista de Educação PUC Campinas. Pp. 57-62. Brasil.



Venancio, V. (2018). *Visão antiessencialista de tecnologia na educação: Estudo sobre a interpretação por professores em formação do software de programação usado em sala de aula*. Tese de doutorado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo.

Wollstonecraft. M. (2015). *A vindication of the rights of Womam with Strictures on moral on political Subjects*. London.